A FABRICA DE FAIANÇAS

DAS

Caldas da Rainha

POR

Joaquim de Vasconcellos

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
1891

A FABRICA DE FAIANÇAS

DAS

Caldas da Rainha

POR

Joaquim de Vasconcellos

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

1891

Ao seu querido amigo Ma-
nuel Barradas, recom-
menda muito este bello
opusculo

[illegible]

A FABRICA DE FAIANÇAS

DAS

CALDAS DA RAINHA

A imprensa saudou ha annos com o maior enthusiasmo a fundação d'esta empreza que se apresentava sob os melhores auspicios. A' frente apparecia o nome de um artista, querido de todos nós, com talento provado, trabalhador indefesso e caracter honesto. Cercavam-n'o todas as simpathias do publico portuguez, e dizia se tambem que o accompanhavam na empreza amigos dedicados e que dispunham de consideraveis recursos.

Uma fabrica de faianças em ponto grande, bem montada e bem dirigida não parecia problema irrealisavel n'um paiz que possuia uma industria ceramica antiquissima, modelos e padrões de grande valor artistico a attestarem a capacidade dos seus artifices e um enorme cabedal de materias primas preciosissimas, ainda por explorar.

Havia emfim uma tradição artistica ininterrupta, a aprendizagem transmittida durante seculos, deficientemente organisada, é certo, em que as admiraveis aptidões do nosso operario eram rudemente exploradas, mas havia ainda uma base para a reorganisação do ensino.

Por ultimo contava-se, e com motivo justificado com a predilecção do nosso povo pelo producto nacional. A moda não invadira ainda esta industria popularissima; a mania pelas cousas estrangeiras não sophismára o sentimento esthetico do povo,

o qual soubéra sempre apreciar, com seguro instincto natural, a belleza exterior das fórmas do nosso vasilhame ceramico, a propriedade e utilidade do seu feitio e destino pratico, as preciosas condições hygienicas da materia prima nacional. Um cantaro, um pucaro, uma infusa, uma panella, uma malga, uma tigella deviam ser de barro nacional, porque sempre e em todos os tempos se fizeram em Portugal com barro portuguez. Se já D. Sebastião bebia diante do cardeal-legado Alexandrino por um pucaro de Extremoz, desprezando a sua baixella de ouro, por que motivo não havia a nossa classe remediada de comer em pratos de boa faiança nacional, ou de beber o café de Moçambique em chicaras das Caldas?

O consumo nacional era avultadissimo; a importação dos productos estrangeiros, muito consideravel ainda, apesar do favor da pauta, estava convidando a nossa iniciativa — n'uma palavra, os auspicios para a fundação da fabrica das Caldas eram os mais favoraveis.

Realisou-se a empreza, e depois de quatro ou cinco annos de actividade prodigiosa, fecunda, e cheia de gloria para a arte e para o paiz, parece que corre o risco de parar!

Custa-nos a acreditar em semelhante facto, que seria um desastre economico e moral.

Corre á imprensa a obrigação de elucidar o publico em geral, e em particular os accionistas, sobre as consequencias de semelhante medida.

Toda ella saudou com os maiores louvores as successivas exposições que a fabrica organisou na Avenida da Liberdade.

Affirmou-se e repetiu-se que estava aberta uma nova era a uma das mais antigas industrias portuguezas. Demonstrou-se que o director artistico realisára o sonho querido de todos nós, que despertára a inspiração nacional, adormecida ha seculos em profundo lethargo, como a *Dornrœschen* da fabula popular. Bordallo Pinheiro quebrára o encanto; provára que podiamos ser portuguezes e originaes na arte industrial, sem pedir a extranhos um ouropel postiço, sem artificios, sem pedantismo; provára que as fórmas da arte popular eram susceptiveis de um renascimento, de uma transformação e adaptação a

novos usos e costumes; que havia possibilidade de fazer comprehender ás classes remediadas a eurythmia, a belleza, a harmonia de fórmas do nosso vasilhame popular. O primeiro ensaio fôra felicissimo! Era continuar!

Depois tivemos no Norte identica e talvez ainda maior surpreza.

Está ainda na memoria de todos a admiravel impressão que a exposição de Bordallo Pinheiro no Atheneu Commercial do Porto causou em 1888 na segunda cidade do reino, onde affluiram dezenas de milhares de visitantes das provincias do Norte. A imprensa do Porto foi unanime em considerar a exposição como um triumpho para o artista, até alli desenhador — caricaturista de inexgotavel talento, mas já agora, depois de sujeito a difficillimas provas, transformado em admiravel operario-oleiro. Toda ella se uniu á de Lisboa para applaudir e confirmar o voto anterior, que declarára Bordallo um benemerito da industria, porque com elle e sob a sua egide triumphára tambem o operario portuguez.

A victoria foi, com effeito, dupla, para Bordallo, como organisador e installador de um espetaculo industrial nunca visto entre nós, e que constituia um primor de arte decorativa, e para o mestre dedicado e sagaz de tanto operario até alli obscuro, escravisado pela exploração e pela rotina.

Era evidente, e devia saltar aos olhos de todos, que semelhantes resultados não se podiam colher em tres annos (1885-1888) de lavor fabril incompleto sem uma dedicação absoluta da parte do director pelos seus operarios, sem o desprendimento e o desinteresse do mestre, do amigo e do protector, que não mede o tempo, que não calcula o valor do conselho, que dá e semeia ás mãos cheias os fructos da sua experiencia.

Se Bordallo não desse o exemplo, se não fosse, de facto, o primeiro operario da sua fabrica e se limitasse a sua acção a riscar, a traçar figuras e emblemas, a dar conselhos baratos do alto de uma poltrona, n'uma linguagem sybillina, com certeza que poderiamos perder a esperança n'um renascimento da industria das Caldas. O capital pode erguer paredes e installar machinas, amontoar materias primas,

recrutar braços e inundar as Bolsas com prospectos seductores, mas não conseguirá improvisar um unico operario bom, activo, intelligente e morigerado. Foi por isso que applaudimos sinceramente o pensamento do governo, quando este realisou uma alliança official com a fabrica de faianças, confiando-lhe a educação pratica e profissional de um certo numero de alumnos da Escola industrial das Caldas da Rainha.

O governo sanccionava officialmente a sentença dada por toda a imprensa, coroava os esforços da empreza nascente, e animava efficazmente o subscriptor, o operario, o jornaleiro, além de centenas de pessoas da villa, que tinham posto as suas esperanças na nova fabrica.

Mediante um subsidio annual de cinco contos de reis durante quinze annos obrigou-se a fabrica a dar instrucção pratica, de todos os processos e operações executadas na fabrica, aos alumnos que a escola industrial apresentar, até ao numero de cento e cincoenta, sendo os alumnos considerados como aprendizes da fabrica, e vencendo o salario que merecerem, a partir de seis mezes depois da entrada no aprendizado.

A instrucção ministrada pela fabrica abrange quatro officios: *louceiro formista, oleiro, pintor vidreiro* e *forneiro*. A aprendizagem em cada um d'estes officios está dividida em quatro graus, devendo o ensino em cada grau durar: minimo, um anno, maximo, tres, para cada alumno.

As cifras da frequencia apresentam-se modestamente nos tres primeiros annos; nem podia ser de outro modo, havendo (como ha) uma selecção do pessoal de aprendizes, porque do primeiro grupo de alumnos hão-de sahir naturalmente os monitores, os futuros mestres do curso practico.

No primeiro anno do contracto, 1887-1888, aproveitaram-se 22 alumnos da vantagem concedida. Foram examinados e approvados 16. A distribuição por officios e graus do ensino foi a seguinte:

Louceiros formistas, 1.º grau: examinados 10; approvados todos, sendo cinco com distincção.

Oleiros, 1.º grau: trabalhos de roda, approvado um alumno; trabalhos de torno, approvados 2. Total 3.

Pintores vidreiros, 1.º grau : approvados 3 alumnos, sendo 2 distinctos.
Total dos alumnos apurados 16.
Anno de 1888-1889 (2.º do contracto).
Louceiros formistas, 1.º grau : examinado e approvado 1.
Idem do 2.º grau : examinados e approvados 8.
Pintores vidreiros, 2.º grau : approvados 2.
Total dos alumnos apurados 11.
Anno de 1889-1890 (3.º do contracto).
Louceiros formistas, 1.º grau: approvados 2; reprovados 2.
Louceiros formistas, 3.º grau: examinados e approvados 6, sendo 5 com distincção.
Total dos alumnos apurados 8 (e 2 reprov.)

Não contente com as informações officiaes, quizemos examinar pessoalmente as condições do ensino e visitámos para esse fim quasi quotidianamente a fabrica durante o mez de agosto de 1890. Alegrou-nos, consolou-nos vêr os pequenos aprendizes envolvidos n'um trabalho simpathico e que evidentemente lhes prendia toda a attenção, vivos, afanosos, cheios de curiosidade, modelando todos do natural, folhas, flores, pequenos animaes e ligeiros ornatos.

Nenhuma estampa, nenhum modelo convencional, nenhum pedantismo; apparentemente, tambem nenhum programma, mas á vista, o *exemplo,* outros alumnos mais adiantados, para resolverem uma duvida, para animarem os mais novos, e espalhados pelo salão, aqui e alli, alguns artifices dos mais distinctos, trabalhando em peças de grande lavor artistico, mostrando a aprendizes e officiaes como se remata a carreira de um modesto oleiro com os louros da victoria, e se realisa, em elevado grau, a intima alliança da arte com a industria.

Confiamos plenamente que esses pequenos aprendizes, cujo aspecto sadio e modesta alegria inculcava um bom tratamento physico e moral — saberão compensar a fabrica e o seu director artistico dos esforços que são empregados na sua educação.

Notaremos que a fabrica é, além de escola profissional, tambem uma pequena estação experimental para estudos praticos sobre as differentes manipulações da

industria ceramica. Não tendo a casa da Escola Industrial «Rainha D. Leonor» espaço na villa, para a installação de um laboratorio de chimica applicada á ceramica, aproveitou a Inspecção das escolas do Sul o offerecimento da Direcção da fabrica e installou vantajosamente a aula de chimica na grande galeria do chalet. O laboratorio, que está dotado com os competentes fornos, funcciona n'uma dependencia da galeria. Um professor estrangeiro, o Sr. C. von Bonhorst dirigiu o ensino, primeiramente, e depois os Srs. K. Holthof e Emile Possoz.

Estão pois reunidos nas Caldas todos os elementos essenciaes para que a Escola industrial D. Leonor tenha todo o desenvolvimento, e ficou dispensado ogoverno da creação e dotação annual de numerosas officinas especiaes, porque tem as da fabrica de faian-ças.

Graças á fundação d'este estabelecimento, que bem merece o nome de modelo, poderá o governo economisar dezenas de contos, que teria de gastar em experiencias sempre carissimas e de resultado incerto. Poderão allegar que a fabrica pagou caro a sua aprendizagem, mas por quanto teria o governo de saldar as suas tentativas para montar convenientemente todas as officinas-modelo, que estão funccionando actualmente n'aquelle estabelecimento, e se acham á disposição dos alumnos da Escola D. Leonor? As cifras da montagem das officinas nas outras escolas industriaes das regiões do Norte e do Sul se encarregarão de nos dar a resposta. Duvidamos que o governo consiga encontrar facilmente fabricas-officinas, creadas pela iniciativa particular, montadas de forma que possam corresponder rigorosamente ás exigencias technicas das industrias, nos seus ultimos processos e aperfeiçoamentos, e ás condições de um bom ensino practico, inspirado em solidos principios pedagogicos.

E sem a alliança intima, franca e leal da escola com a officina, os fructos começados a crear nas escolas industriaes e de desenho industrial desde 1884 não poderão amadurecer. Um estabelecimento fabril, sahido da iniciativa particular só, por excepção, se prestará a servir de campo de experiencia a alumnos do Estado, que hão de ir depois beneficiar indistin-

ctamente outros estabelecimentos fabris do reino, estimulando a concorrencia: [1]

Lembremo-nos que durante o ultimo Inquerito

---

[1] Recordemos o que succedeu em 1852. De 1851-1852 transformou o governo os *Conservatorios de artes e officios,* fundados em 1836 e 1837, e considerados inuteis, nos *Institutos industriaes* de Lisboa e Porto.

Para que o ensino theorico tivesse um complemento practico, decidiu-se que o governo poderia contratar com algumas fabricas nacionaes no sentido de servirem de officinas para o ensino do trabalho industrial, recebendo os proprietarios uma retribuição que não excedesse 150$000 reis annuaes por officina.

(Decreto de 30 de dezembro de 1852, que creou o Instituto industrial de Lisboa e a Escola industrial do Porto). Ficou lettra morta pela má vontade de uns e outros: fabricantes, professores e alumnos. Fundou então o Estado varias officinas suas no Instituto de Lisboa, de 1854-1860; n'este ultimo anno fecharam todas, menos a de *instrumentos de precisão,* por não haver então em Portugal outro estabelecimento d'esta ordem.

N'esse intervallo de seis annos haviam os particulares reclamado contra a concorrencia das officinas do Instituto de Lisboa (o do Porto não as possuia!) até que uma Commissão especial de inquerito declarou que as queixas não tinham o menor fundamento (*Se o ensino practico das officinas do Instituto industrial, pela fórma por que estava organisado, era ou não prejudicial á industria particular?*) Relatorio no Boletim do Ministerio das obras publicas, n.º 12, Dezembro de 1858). As queixas referiam-se principalmente ás officinas, onde se trabalhava em metaes. Por que fecharam então as outras? Mysterio. (Vid. *Sobre o ensino profissional, por parte das associações e do Estado,* resposta do auctor ao questionario do Congresso das Associações portuguezas em Lisboa, em 1882, impressa na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto,* vol. II, pag. 49-53).

de 1881 fabricas importantes do reino, que vivem prosperamente e passam por ter optimos administradores portuguezes, negaram até a simples entrada aos delegados do governo, que as pretendiam visitar!

Que seria, se o governo quizesse lá metter alumnos — aprendizes, seus? O segredo é a alma do negocio, dizem elles!

A Direcção da fabrica de faianças das Caldas, indo ao encontro do governo n'esta momentosa questão, deu um exemplo digno do maior louvor. O seu director artistico, Bordallo Pinheiro, prodigalisando aos jovens aprendizes os seus cuidados, não pensou, nem imaginou por um momento que iria favorecer um dia numerosos estabelecimentos ceramicos da villa com officiaes adestrados em um novo methodo de trabalho. Note-se que a fabrica não é bem vista de muita gente das Caldas, principalmente dos antigos oleiros, que ella veio accordar do seu torpor, obrigando-os a novos esforços industriaes, quando elles viviam commodamente do bom nome antigo, de velhas tradições já abastardadas. Mais uma razão para auxiliarmos a empreza que vem transfundir sangue novo n'um corpo caduco; mais um motivo para applaudirmos qualquer acto do governo que venha em auxilio da fabrica nos primeiros tempos da sua laboriosa e difficil vida. Se o governo carece forçosamente de officinas para as suas escolas industriaes, não deve desamparar a primeira fabrica nacional que abriu as portas aos alumnos do Estado.

Todas as localidades que possuem Escolas industriaes estão solicitando a creação de officinas. O governo, ou tem de crear officinas suas, fabricas em ponto pequeno, cujo desenvolvimento ulterior ninguem pode prevêr, ou tem de pedir o concurso e auxilio da industria particular.

O progresso das officinas, embora modesto ao principio, póde ser rapido, mórmente em localidades onde ellas tendem a absorver em pouco tempo uma população numerosa, que vivia anteriormente de uma ou mais industrias domesticas. Basta recordar o que está succedendo com a industria das rendas em Peniche e em Setubal. D'essas officinas augmentadas e aperfeiçoadas ás *manufacturas do Estado* pelo mo-

delo de Colbert, do Conde da Ericeira ou de Duarte Ribeiro de Macedo (seus imitadores em Portugal, no sec. XVII) ou pelo typo do Marquez de Portugal, um seculo depois, vae apenas pequenissima distancia.

Em principio não somos contrarios á creação das manufacturas do Estado. Ainda hoje existem algumas, com grande vantagem nossa: a Casa da moeda, a Imprensa Nacional, a Cordoaria nacional etc. Esses e outros estabelecimentos honram o nome portuguez dentro e fóra do paiz. Muitas outras fabricas do Estado podiam ainda hoje existir, se não fossem as tres invasões francezas e as *boas* e leaes razões estrategicas com que os nossos amigos inglezes incendiaram as melhores fabricas, para que o enemigo não se aproveitasse d'ellas como baluartes perigosos.

Outras que resistiram a tantas crises economicas e politicas, como fôram as que se desencadearam sobre Portugal nos fins do seculo passado e principios do actual—tal era a sua extraordinaria vitalidade! — acabaram por uma mal entendida economia. (1)

Basta recordar a *Real fabrica das sêdas,* porque não era um estabelecimento, mas sim um grupo notabilissimo de officinas e fabricas que se tinham creado á sombra da celebre fundação de D. João V, e em torno d'ella.

Geralmente, ignora-se este facto capital. Esse titulo unico abrangia estabelecimentos importantissimos onde se cultivava a industria ceramica (louça commum e faiança aperfeiçoada) a industria do fer-

---

(1) Assim acabou p. ex. a Real fabrica de louça do Rato, que chegou a produzir excellente faiança branca e pintada no ultimo terço do sec. XVIII. D'ella procedem ainda, directa ou indirectamente, algumas fabricas existentes na capital e nas provincias.

Um exemplo do desastroso effeito das economias *à outrance* offerece-nos a Austria com a sua fabrica imperial de porcellana em Vienna, fundada em 1718 e supprimida em 1864. Primeiramente estabelecimento particular, depois official, comprado por Maria Theresia em 1744, ganhou fama europea na segunda meta-

ro fundido e forjado, serralheria, cutelaria, obra de estanho, quinquilharia, bijouteria, botoaria; havia ainda as fabricas de pentes, de relogios, de malha de lã e de sêda etc. etc. Era um bairro inteiro de fabricas, o chamado *bairro do Rato.*

Depois, a direcção alargou a sua influencia pelo paiz inteiro e surgiram fabricas de todo o genero de productos em Pombal, em Alcobaça, no Fundão, em Portalegre, Thomar, Elvas, Abrantes, Extremoz, Tavira, etc., não fallando já nas antigas fabricas reaes de pannos da Covilhã e nas celebres fabricas reaes da seda na provincia de Traz-os-Montes, que foram ou reformadas ou ampliadas consideravelmente com os subsidios da fabrica central de Lisboa.

Foram milhares de contos de emprestimos, privilegios e regalias de toda a ordem, leis e alvarás, que equivaliam muitas vezes a um monopolio, distincções sociaes para os fundadores, accionistas e operarios — n'uma palavra: um fomento do trabalho nacional em toda a linha, do Norte a Sul, e tão energico, que ainda agora lhe conhecemos os signaes e os effeitos!

Quasi todas as localidades citadas ainda hoje são centros industriaes, e embora algumas cultivem actualmente outras industrias, é inquestionavel a influencia da tradição e da antiga educação profissional, recebida n'esses logares durante duas a tres gerações.

Ainda hoje o Estado concede á Real fabrica de vidros da Marinha Grande, uma das mais protegidas pela administração da Real fabrica das sêdas, um

---

de do seculo passado. Todos deploraram, mas já tarde, que não a reformassem, em logar de a destruir, vendendo em leilão, que rendeu muito pouco, o fructo, a tradição, os esforços de seculo e meio de trabalhos. Vid. Iacob. von Falke. *Die K. K. Wiener-Porzellan-Fabrik.* Wien, 1886. Gerold.

A fabrica real de porcellana do Retiro (Madrid) fundada em 1759, que rivalisára com Sèvres, acabou com a invasão franceza. Fallou-se ha poucos annos da sua reedificação, por iniciativa do Conde de Murphy, ex-secretario de D. Affonso XIII e seu protegido.

valiosissimo subsidio—dezenas de milhares de carros de matto do pinhal de Leiria—sem o qual lhe seria difficil viver.

Não pretendemos que o Estado represente novamente o antigo papel de grande emprezario de tantas e tão variadas industrias; mas o que elle deve é evitar que uma empreza tão bem auspiciada como a da fabrica de faianças das Caldas, que tantos sacrificios tem custado e tão alto elevou a arte industrial portugueza diante de nacionaes e estrangeiros—cáia na mão de meia duzia de exploradores, que pretendam reduzir um estabelecimento modelo ás condições de um grande forno de telha e de tijolo.

Não esqueça o governo que a fabrica é já a sua grande escola-officina de ceramica aperfeiçoada, unica no paiz, officialmente reconhecida e subsidiada. Como installação, considerando o plano racional, methodico e bem calculado; como arsenal de trabalho, dotado com as machinas mais aperfeiçoadas e com esplendidos fôrnos, póde classificar-se um estabelecimento-modelo, como acima dissemos. Visitamol-o com attenção durante um mez; descemos aos jazigos dos barros, e não nos cançámos de admirar as suas qualidades excepcionaes, mormente os novos materiaes, adquiridos pela empreza para o fabrico da faiança branca—da *louça de uso commum*, o futuro da fabrica, o futuro que agora, precisamente, começava a desenrollar-se cheio de esperanças! As amostras d'essa louça commum eram no verão de 1890 magnificas, em todo o sentido, como factura, como fórma e como ornamentação; e os preços, muito convidativos.

Póde ter havido (e houve certamente) calculos errados na parte administrativa e mesmo uma orientação um tanto exclusiva na direcção dos trabalhos technicos e artisticos, mas qual é a empreza que não paga a sua aprendizagem? Qual foi a que se entregou tanto do coração ao seu ideal, que é o de nós todos: levantar o nome do paiz, reformando a educação profissional, scientifica e artistica do nosso operario?

Apoz um trabalho fabril de quatro annos o estabelecimento consegue os seguintes resultados:

1.º—Resuscita o nosso antigo azulejo artistico,

pela perfeição do fabríco, pela belleza dos padrões, pelo brilho e esmalte das côres, incluindo os formosissimos effeitos do reflexo metallico. Não só imita perfeitamente os exemplares antigos, mas cria magnificos typos novos, servindo-se de elementos decorativos nacionaes, ineditos. Póde affirmar-se sem receio de exageração, que o fabríco moderno excede o antigo no azulejo polychromico de relevo. O liso ainda não foi experimentado.

2.º—Cria um typo novo de telha, que pelo effeito decorativo, condições de leveza, facilidade e economia da montagem e pelo seu modico preço deve dar optimos resultados economicos, quando fabricada em larga escala.

3.º—Eleva a faiança decorativa a um grau de perfeição technica e artistica, verdadeiramente excepcional. Não só sahiram innumeras fórmas e combinações da imaginação fecundissima do Director artistico, mas muitas d'essas fórmas e concepções adquiriram fóros de extraordinaria popularidade. Graças á ceramica, a arte industrial começou novamente a emocionar as massas, a infiltrar uma gota de sentimento artistico na alma popular.

4.º—Inicia o fabríco de uma faiança resistente—a verdadeira louça nacional da familia portugueza, banindo os assumptos chinezes, as caricaturas á ingleza, á hollandeza e outras, que durante meio seculo tyranisaram o sentimento, o gosto, e os nervos dos nossos paes e avós, e os nossos proprios!

As nossas tradições, usos e costumes, as nossas festas e lendas, os nossos typos populares, a nossa fauna e a nossa flora ornamental entrou emfim na mais popular e na mais antiga de todas as nossas artes industriaes.

5.º—Educa e cria um pessoal operario exclusivamente portuguez, depois de cinco annos de esforços e de sacrificios, provando mais uma vez que o pessoal estrangeiro quasi nunca se sujeita a ensinar com dedicação, e rarissimas vezes compensa os beneficios que as emprezas nacionaes lhe dispensam.

6.º—Funda e alimenta no mesmo curto espaço de tempo todo o fabrico com barros e argilas exclusivamente nacionaes.

Tudo isto, repita-se mais uma vez, é o fructo de cinco annos de existencia e de quatro de laboração!

A medalha de ouro concedida á fabrica na Exposição universal de Paris de 1889, a medalha de prata ao director que dirigiu a montagem da fabrica, a de cobre aos dous mestres da louça artistica e a menção honrosa a todos os operarios, não foi um favor, como se vê do exposto; foi simplesmente justiça.

A fabrica está admiravelmente localisada, no meio de um districto que nada tem a invejar, emquanto á riqueza do solo, á mais celebre região ceramica da Inglaterra, e talvez do continente, ao Staffordshire. Toda a região desde as Caldas até Leiria é um immenso e inexgotavel jazigo dos barros os mais preciosos, que poderia alimentar uma duzia de fabricas, como a das Caldas. Já o foral de Leiria do anno de 1195, publicado nos *Portugalliæ monumenta* por Herculano allude á riqueza ceramica e á producção do districto. E que vêmos nós lá hoje? O mesmo que já se encontrava na edade media portugueza: uma linha interminavel de modestissimos fornos de telha, de ladrilhos e de grosseiros e disformes adobes, forniculos que se arruinam mutuamente n'uma concorrencia desesperada! (1)

E a proposito dos barros nacionaes permitfamnos fechar estas ligeiras apreciações com uma nota pessoal.

Em 1882 percorremos a maior parte do paiz para colleccionar os nossos valiosissimos barros nacionaes para uma Exposição de ceramica nacional que organisavamos na Sociedade de Instrucção do Porto. Colligimos mais de trezentas variedades em alguns mezes de trabalho assiduo. Aberto o certamen, os primeiros fabricantes do Porto e de Villa Nova de Gaia ficaram pasmados diante de semelhantes riquezas; todos desejavam conhecer bem os barros e experimental-os depois. Mas quem se poderia arris-

(1) São o unico recurso de uma pobre população de *olarii* e *tegularii*, tão primitiva nos seus usos e costumes como a sua predecessora da edade média portugueza.

car á avultadissima despeza de milhares de analyses, que exigiriam annos de trabalho e de estudo? Os fabricantes do Norte continuaram pois, exactamente como os do Sul, a empregar os seus barros empyricamente, ao acaso, porque nenhum ou quasi nenhum conhece ainda hoje, scientificamente, a natureza das argillas que emprega e, por tanto, o effeito da dosagem dentro do forno.

Em França foi o governo que correu com a enorme despeza da analyse das margas, barros, argillas e kaolinos nacionaes. Um batalhão de chimicos trabalhou dezenas d'annos e gastou sommas avultadissimas nos laboratorios de Sèvres, revelando á industria franceza os segredos da incomparavel materia prima com que o artifice realisa as maravilhas que todo o mundo admira. O oleiro conhece perfeitamente as argillas que emprega, e combina as doses e as misturas com o rigor e a precisão com que o boticario gradúa os seus medicamentos. Depois não admira que o fôrno obedeça ás manipulações do forneiro com o rigor de um automato, e que as peças mais prodigiosas saiam á luz sem a sombra sequer de um defeito!

Não foi sómente para crear obras primas de dimensões e de valor excepcional que a França creou a celebre fabrica de Sèvres; antes de resolver o o grande problema artistico, resolveu o problema scientifico, que era tambem o economico, porque as fabricas pouparam depois milhões, que gastariam em experiencias infructiferas, e porque ganharam biliões nos ultimos oitenta annos, desde que a industria ceramica franceza se impoz a todo o mundo. (1)

---

(1) A manufactura de Sèvres, primeiramente só centro de experiencias e de estudos practicos ceramicos, creou só ha poucos annos uma escola-modelo. Pelo ultimo relatorio, que temos á vista, do Director Ch. Lauth (1879) nos annos de 1874-1879 executaram-se mais de quatrocentas analyses de materias primas nos laboratorios, e forneceram-se aos fabricantes nacionaes (porque só para estes se trabalha)

Foi assim, com um espirito de admiravel previdencia, olhando sempre para o futuro e de um ponto de vista universal, e removendo á iniciativa particular os obstaculos que são, de sua natureza, insuperaveis para emprezas isoladas; foi assim que os estadistas francezes fundaram e alimentaram as manufacturas do Estado: Sèvres, os *Gobelins* de Paris, Beauvais, Aubusson, as grandes officinas de Lyon, Besançon etc.

O governo portuguez precisa urgentemente de tratar d'esta questão capital: o estudo dos barros portuguezes. Sabios nacionaes já estudaram por exemplo as nossas lãs, os nossos linhos, as madeiras das nossas mattas. As argillas valem mais, porque representam jazigos inexgotaveis de uma materia prima indispensavel, e que, pelas condições de preço e de transporte não póde ser guerreada pelos exploradores estrangeiros, que desejariam bem reduzir-nos a uma colonia agricola, só propria para produzir bom *Port-wine*, boa vacca, bons ovos e boas cebolas.

Da fabrica das Caldas poderia partir o movimento de reforma; alli se poderiam estabelecer os grandes laboratorios-modelos, que trabalhariam para todo o reino, continente, ilhas e colonias. Estude-se um plano de reorganisação economica da empreza, de accordo com o Estado, e tome este a direcção superior com as necessarias garantias, traçando claramente o novo plano de trabalhos. Temos fé que a fabrica havia de prosperar dentro de poucos annos. O Estado ficaria depois apenas com o encargo do grande estabelecimento scientifico, experimental, e com a escola profissional annexa, classificada como escola es-

---

mais de duzentas fôrmas dos melhores modelos. O Museu e a Bibliotheca ceramica foram completamente reorganisados. A Escola, propriamente dita, tinha em 1885 sómente 25 alumnos escolhidos, que são sujeitos a um ensino muito completo e muito severo. Os trabalhos dos alumnos figuraram dignamente na Exposição internacional de Bellas-Artes de Antuerpia de 1885. O orçamento official de Sèvres era de 567:450 francos em 1879 (102-103 contos).

pecial para toda a industria ceramica do paiz, como viveiro de excellentes artifices: louceiros e esculptores, pintores e forneiros. Nunca houve ensejo tão favoravel para proteger uma industria que representa já hoje uma producção de centenas de contos, e poderá produzir amanhã outro tanto, fechando de vez a porta a todos os productos similares estrangeiros. As difficuldades da Fabrica nasceram, na maxima parte, das condições do meio e se houve erros, que não pretendemos encubrir, devemos attribuil-os a uma actividade excessivamente generosa, que desenrolou diante de nossos olhos verdadeiras maravlhas e nos restituiu a fé nos nossos recursos artisticos, nas faculdades estheticas do nosso operario. Os louros que a fabrica colheu em Lisboa, e no Porto, o seu triumpho em Paris não representam ouro, moeda corrente, para os accionistas, mas estes teem sido os primeiros a fazer justiça aos esforços das direcções e em particular ao talento, á dedicação e á actividade de Bordallo Pinheiro. Todos os Relatorios, que temos á vista, o provam. Não havendo pois impaciencia, não faltarão tambem meios de robustecer a empreza e de a levantar ao grau de prosperidade de que é, por tantos titulos, merecedora. O governo, auxiliando-a desde o principio, sabia perfeitamente que não subsidiava uma fabrica qualquer, fructo da especulação gananciosa de meia duzia de argentarios. Considerou-a como escola, conferindo-lhe a mais elevada distincção; deu-lhe a maior prova de confiança.

Não póde hoje contradizer-se, negando-lhe ampla protecção para ella se sustentar no posto de honra que naturalmente lhe marcou, o d'um estabelecimento-modelo, onde a sciencia, a arte e o ensino se casam em admiravel harmonia, e no qual o paiz deverá, de futuro, pôr os olhos.

Porto, Fevereiro de 1891.

Joaquim de Vasconcellos.